A LÓGICA DO MERCADO E A TRANSGRESSÃO DE MULHERES

Uma visão teológico-cultural a partir dos Evangelhos

Ivoni Richter Reimer

Excluir é a sua lógica – através do ter ou não ter.
Não participar, boicotar, transgredir
através do "foge!" profético – que reviravolta! –
para construir novas formas de Ser.

1. "Não podeis servir a dois senhores. ... Mamon ou Deus" (Mt 6,24)

A lógica do mercado se baseia não só na produção e no consumo dos produtos, mas também no amor à riqueza (*mamon*). Necessária se faz a existência do dinheiro e seus equivalentes, tanto hoje como na época do Novo Testamento: a classe baixa produzia o dinheiro através de seu trabalho: manufaturas, artesanato, pequeno comércio, pesca, produtos agrícolas, prostituição etc. A classe rica produzia o dinheiro através do acúmulo do mesmo, do empréstimo a juros, arrendamentos de terra, venda de produtos em larga escala (veja Ap 18,3.11-15), compra e venda de pessoas escravas etc.

Para poder comprar é necessário ter dinheiro. Daí vem o desejo de descobrir novas fontes de renda, de acumular, de querer-ter-mais (*pleonexía* = ganância). Não é à toa que o tema "ganância" estava e está vinculado com o tema do mercado, da produção e da venda, da criação de mecanismos de dependência e endividamento tanto para mulheres como para homens.

Escritores críticos greco-romanos se posicionam em relação a essa temática. Plínio, o Velho, faz uma crítica à ganância do mercado numa perspectiva ecológica. Ele acusa a ganância como responsável que leva pessoas a revirar a terra em busca de ouro e prata... Estas minas constituem uma agressão contra a Mãe Terra. Penetra-se nela como se ela não fosse "boa e produtiva o suficiente ali, onde a pisamos". "O pior crime contra a humanidade cometeu quem por primeiro colocou um anel de ouro no dedo"; "O próximo crime cometeu quem por primeiro cunhou um denário de ouro"; "Mas é do dinheiro que provém a primeira fonte da ganância, quando se planejou a usura e uma atividade-de-não-fazer-nada para enriquecer".[1] Também Plutarco refere-se à ganância como motor da lógica do mercado, denunciando que "o desejo por dinheiro não é satisfeito por prata e ouro, e a ganância não pára de incentivar e produzir o *mais*".[2]

O Novo Testamento também fala criticamente sobre a ganância como o motor da economia baseada no dinheiro (= idolatria: Cl 3,5; Ef 5,5). Vítimas dessa economia são as pessoas empobrecidas, no campo e na cidade. O acúmulo de mercadoria e de dinheiro é criticado porque se opõe ao projeto de Deus que é justiça baseada na partilha e solidariedade (Lc 12,16-21).

1. Citações extraídas de PLÍNIO O VELHO. *História Natural*, livros 32 e 33.
2. PLUTARCO. *Sobre o amor à riqueza*, Mor. 523 E.

A ganância não é problema moral, mas estrutural a partir da economia de mercado baseada em dinheiro. Conseqüências são carestia/aumento de preço de cereais que assolam as populações empobrecidas (Ap 6,6). Para participar da lógica do mercado e conseguir o dinheiro necessário para tal, realiza-se toda série de práticas, como usura, roubo, extorsão etc., e é por isso que a ganância é tratada como idolatria nos "catálogos de virtudes e vícios" (Cl 3,5-17; Ef 5,3-13). A ganância que sustenta a lógica do mercado não é condizente com a fé cristã, pois coloca o dinheiro, o deus Mamon, em primeiro lugar na sua vida, e não a partilha, a solidariedade e a prática da justiça e comunhão.

É nesse sentido que devemos entender a admoestação e crítica em 1Tm 6,10-11: "Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. Mas tu, ó criatura de Deus, foge de tudo isso; e segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão".

2. Ganância, mercado casamenteiro, discriminação de mulheres

A construção da estrutura, dinâmica e funcionamento do mercado é androcêntrica e patriarcal. Dela faz parte toda uma ideologia do que se considera um trabalho digno de homens cidadãos livres. Para Cícero, trata-se de atividades rentáveis, nas quais não é necessário pôr a mão na massa. Ainda conforme Cícero, todo "trabalho sujo", manual, de gente humilde, mulheres e pessoas escravas é considerado não digno. Mesmo assim, importante é que também – ou principalmente – esse trabalho traga dividendos para manter o povo trabalhando e alimentando o mercado.

Como esta estrutura econômica androcêntrica e patriarcal se reflete na vida de mulheres? Ela está presente no cotidiano, na compra ou na produção do pão e das tintas, na prostituição, no trabalho escravo e diarista. Essa lógica do mercado penetra o interior das famílias, quando, por causa de um processo de endividamento, mulher e crianças deviam ser vendidas como escravas para saldar a dívida (Mt 18,25).[3] É ela também que estipula qual mulher é "boa" e qual é "má", como poetizam vários autores, entre eles Hesíodo: mulher e esposa boa é a que economiza e acumula; esposa e mulher má é aquela que esbanja. Família e mercado, portanto, estão vitalmente interligados. É por isso que eu gostaria de ressaltar, aqui, um lugar onde isso fica bem marcante. Trata-se da ligação dessa lógica do mercado com o "arranjar casamento".

Essa ligação é alicerçada através do *dote*, com o qual o noivo pode explorar financeiramente o futuro sogro. No caso, é a quantia paga pelo pai da noiva para que o noivo se case com ela, o que no mínimo significa 200 denários, o que equivale a 200 dias de trabalho diarista (veja Mt 20,1-16). Mulheres ou suas famílias precisam pagar pelo seu casamento e, com isso, as famílias passam por um processo de concorrência financeira: quem paga mais?!

3. Maiores detalhes, veja Haroldo REIMER e Ivoni Richter REIMER. *Tempos de Graça. O Jubileu e as tradições jubilares na Bíblia*. São Paulo/São Leopoldo: CEBI/Paulus/Sinodal, 1999, p. 133-139.

Essa prática gananciosa vinculada à lógica da economia androcêntrica do mercado que gera lucro/acúmulo é criticada em 1Ts 4,3-8, onde transparece a vinculação entre vida sexual/casamento e lógica de mercado. Estas palavras do apóstolo Paulo são dirigidas para homens-noivos que querem lucrar com o casamento, transformando o corpo da mulher-noiva em objeto de mercado:

> *Pois esta é a vontade de Deus: vossa santificação. Isso significa que vos abstenhais da prostituição, sabendo cada um de vós adquirir seu "vaso" (skeuos) em santificação e honra; não na paixão dos desejos, como o fazem os gentios que não conhecem a Deus. Isso significa concretamente: nessa ocasião não prejudicando nem sendo ganancioso em relação a seu irmão, pois o Senhor vigia com o Seu direito sobre todas essas ocasiões...* (1Ts 4,3-8).

Nesse texto, Paulo critica a ganância do jovem noivo que quer fazer do casamento um negócio financeiro de exploração da família da noiva ("adquirir", "ser ganancioso"). O que Paulo, no entanto, não critica é o fato de mulheres, dentro dessa lógica, serem rebaixadas a "vasos", a recipientes sexuais,[4] e, por isso, serem tratadas como objetos sexuais, legitimando a ideologia da discriminação e subserviência. Ele, portanto, não reconhece no sistema mercadológico do casamento o desprezo e a discriminação de mulheres. Isso não lhe parece ser uma agressão à integridade e à identidade da mulher. Ele questiona apenas a agressão que a avareza do noivo pode significar para a vida do pai da noiva. E nisso mais uma vez se constata que Paulo é fruto de seu tempo e contexto, e dentro dele tem suas limitações.

A lógica do mercado, baseada numa estrutura econômica androcêntrica e patriarcal, transforma pessoas em meios, instrumentos e objetos da produção do *mais* que permite a manutenção e expansão do mercado, na medida também em que mais e mais pessoas vão usufruindo *menos* e sendo excluídas dos benefícios produzidos através do mesmo. Nesse momento, pergunto-me e busco testemunhos que demonstrem como mulheres reagiam a essa lógica, como mulheres se opõem propositivamente à mesma? Percebo muitas narrativas que falam de iniciativas que subvertem, que desalojam essa lógica do mercado. Menciono, em primeiro lugar, brevemente algumas para depois, num segundo momento, aprofundar duas vivências evangélicas.

3. Transgredir criando modelos paralelos

Sabemos através de ideólogos greco-romanos que a célula-base da sociedade patriarcal é a família patriarcal: ela dava sustentação a essa lógica de mercado ancorada na estrutura hierárquico-patriarcal político-social. Transgredindo-se a ideologia dominante, transgredia-se a lógica de mercado. Isso se dava tanto a nível de trabalho, quanto a nível de vivência da sexualidade. Veremos, aqui, a questão do trabalho e, em seguida, a questão da sexualidade.

A literatura apocalíptica percebeu e testemunhou que o perigo não era produzir e vender os produtos para se viver dignamente com o fruto do seu trabalho. O perigo e o problema residem na forma de produção e mercantilização. Assim, Ap 18 resume a

4. Veja a esse respeito, Ivoni Richter REIMER. *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*. São Paulo/Petrópolis: CEBI/Vozes 2000, p. 97-99. O mesmo acontece em 1Pd 3,7.

crítica à lógica e prática do mercado hierárquico-patriarcal: aponta-se para os grandes e poderosos da terra e da cidade. São os reis, os grandes mercadores[5], os grandes donos de navios que transportavam produtos no mercado internacional. Eles se prostituem e fazem prostituir. Eles constroem a luxúria e usufruem dela na cidade. É por causa disso que o texto fala para as pessoas cristãs não participarem dessa lógica e dinâmica: "Fugi, fugi da cidade e da lógica do seu empório" (Ap 18,4-5.11-17).

Textos bíblicos que falam de gente cristã trabalhando na produção, na compra e venda de produtos, demostram uma outra lógica. Ela é expressão de uma resistência clandestina que, mesmo andando pelos centros de poder, deles não participa.

Lembro de Paulo, Priscila e Áquila: produziam tendas com suas próprias mãos. Trabalho duro e fatigante. Vendiam-nas para com sua renda poder viver e continuar seu trabalho missionário. Lembro também de Tabita: em sua comunidade de casa, produzia roupas para vestir as viúvas. Viviam e trabalhavam em conjunto, celebrando a diaconia. Lembro ainda de Lídia e do grupo de mulheres com ela: produziam e vendiam tintas e tecidos de púrpura vegetal para poder viver de modo digno e independente, migrando de cidade em cidade.[6]

É assim que comunidades cristãs criavam células paralelas à sociedade patriarcal: trabalhando e vivendo em grupos alternativos, para adquirir e manter a dignidade e a liberdade, para construir e manter comunidades de fé e de acolhida, para compartilhar enviando dinheiro para pessoas e comunidades necessitadas... Fugir da lógica do mercado significa construir modelos alternativos de vida que se orientam e funcionam a partir da lógica do Reino de Deus, do trabalho livre e criativo, do desfrutar do trabalho e do compartilhar como expressão de solidariedade e esperança. É possível ser diferente. Ontem e hoje.

4. Transgredir saindo do mercado "casamenteiro"

Para a ideologia dominante dos tempos bíblicos, a sexualidade estava ligada à procriação e à subserviência das mulheres aos homens. Cícero afirmava que ao povo cabia dar a "prole" para o funcionamento da sociedade hierárquico-patriarcal: as mulheres produziam crianças para reproduzir o sistema, para fazer a lógica do mercado funcionar através do trabalho escravo ou diarista que produz o *mais* para os grandes proprietários e mercadores. Conforme Cícero e também alguns textos neotestamentários, como Cl 3,18–4,1; Ef 5,22–6,9; 1Pd 2,13–3,7, fortemente influenciados pela ideologia dominante, as mulheres – principalmente as casadas – deveriam ser submissas aos homens, não deviam se intrometer em assuntos públicos/políticos e deviam educar seus filhos – principalmente homens – a serem fiéis e obedientes filhos e cidadãos. A reprodução do sistema se dava nas casas. Mas foi ali também que se começou a subverter a ordem do sistema. Isso se dava nas "igrejas nas casas", como o foram as casas de Tabita, de Lídia, de Maria, onde mulheres assumiam funções de liderança religiosa e social, construindo

5. O termo grego *émporoi* designa os mercadores que trabalham em larga escala, para a qual, no processo de produção, explora-se a mão-de-obra escrava ou diarista. Eles não põem a mão na massa. Só lucram.

6. Maiores informações nos textos de Atos dos Apóstolos. Ver os comentários em Ivoni Richter REIMER. *Vida de mulheres na sociedade e na igreja. Uma exegese feminista dos Atos dos Apóstolos.* São Paulo: Paulinas 1995.

outra qualidade de relações entre as pessoas: não de subserviência e submissão, mas de liberdade e de solidariedade, de compromisso com a vida.

Para que mulheres pudessem viver dessa maneira, muitas vezes se fez necessário viver de forma celibatária, abandonando o modelo da casa patriarcal. O celibato feminino era uma das poucas possibilidades de transgredir a lógica do mercado casamenteiro da época. Fugir da prática do abuso sexual, do mau uso da sexualidade destinada apenas para a procriação e da submissão ao marido somente era possível através da negação do casamento patriarcal. E muitas mulheres encontraram a alternativa exatamente na vivência da fé judaica e cristã.

É isso que nos contam também os Atos de Paulo e de Tecla.[7] A jovem Tecla era noiva do rico Tamiris, de Icônio. Quando ela, no entanto, ouviu as pregações de Paulo que falava sobre abstinência, justiça e ressurreição, converteu-se ao cristianismo e passou a seguir Paulo. Abandonou o noivo, tornando-se missionária. Tamiris imediatamente acionou o procurador, denunciando Paulo e a sua prática missionária de subversiva, porque levava as mulheres a transgredir as bases construtoras daquela sociedade. Mais tarde, em Antioquia, nas suas viagens missionárias, Tecla foi violentamente atacada na rua pelo jovem sírio Alexandre. Ela, sem ajuda de Paulo, se defendia, gritando: "Não violentes uma serva de Deus!", e lhe rasgou a roupa, sendo ele motivo de zombaria. Então, ele a levou ao procurador, e ela foi condenada à arena.

O movimento de Jesus acolhia e compromissava homens, mulheres e crianças a viver uma vida liberta e solidária, redimensionando as prioridades pessoais e reorientando as delimitações sociais. Jesus questiona a família-célula, ampliando o seu significado (Mt 12,46-50). É por isso também que mulheres casadas chegavam a abandonar seus maridos para se colocar a serviço do projeto de Jesus, seguindo-o como discípulas fiéis, como é o caso de Joana, mulher de Cuza, o administrador de Herodes (Lc 8,1-3). A ruptura com Cuza era inevitável, visto ser inimaginável uma mulher casada, pertencente à classe dirigente, sair peregrinando com um grupo que era considerado subversivo e perigoso para a corte de Herodes, na qual todos os funcionários e suas famílias deviam fidelidade ao rei.

Junto com Joana estavam também Maria Madalena, Susana e muitas outras mulheres, que seguiam Jesus desde a Galiléia até Jerusalém de forma independente. Elas colocavam tudo o que tinham, e conforme as suas possibilidades, à disposição do movimento de Jesus, do qual participavam como discípulas. Igualmente inclui-se aqui o grupo de Lídia, o grupo de Tabita, de Maria e tantas outras comunidades, nas quais o casamento não era condição nem imposição. Mulheres participavam enquanto mulheres: em Jesus, no anúncio e vivência da Palavra de Deus encontravam fundamentos de dignificação e liberdade comprometida com o Reino.

No movimento de Jesus e em comunidades paulinas, portanto, o casamento não era pressuposto para a plena realização da humanidade de mulheres e de homens.[8] Isso

7. Trata-se de um livro apócrifo do Novo Testamento. Maiores informações e tradução, veja Ivoni Richter REIMER. *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*. São Paulo/Petrópolis: CEBI/Vozes, 2000, p. 64-67.

8. Para aprofundar o assunto, veja Ivoni Richter REIMER. "Sexualidade em tempos escatológicos: uma aproximação à problemática do matrimônio e do celibato nos dois primeiros séculos cristãos", in *Revista Bíblica Latino-Americana* 29, 1998.

não significa que não houvesse casais que igualmente participavam do mesmo, como é o caso de Priscila e Áquila. Mas são casamentos bem diferentes do que os previstos na ideologia dominante, visto que a mulher desempenhava seu papel social de liderança pública, não sendo dependente do marido.

Mulheres e também homens transgrediam, assim, a lógica do mercado casamenteiro. Esse era um dos motivos pelos quais o movimento de Jesus e mais tarde as comunidades cristãs originárias eram, de fato, células de resistência e subversão dentro do sistema ideológico e econômico do Império Romano.

5. Transgredir esbanjando

Quero, a seguir, aprofundar duas vivências evangélicas, que testemunham como mulheres agiam propositivamente dentro do judaísmo e do movimento de Jesus, transgredindo a lógica do mercado.

Jesus homologa a ação de mulheres com o profético "em verdade vos digo..."

5.1. O desperdício como oferta agradável a Deus (Mc 12,41-44)

O texto de Mc 12,41-44 (Lc 21,1-4) narra uma cena no templo. Os sujeitos são Jesus, uma viúva pobre, muitas pessoas ricas e os discípulos de Jesus. Encontram-se no *gazofilácio*, lugar onde as pessoas que professavam a fé judaica depositavam suas ofertas. Nesse lugar havia 13 urnas para o depósito das ofertas. Conforme tradição judaica, cada urna tinha uma etiqueta indicando a finalidade específica da oferta: "ouro para o Santo dos Santos", "lenha para sacrifício", "incenso" etc. Nessas urnas depositava-se um valor predeterminado pelos sacerdotes. Era costume que quando alguém depositava uma quantia, anunciava publicamente também a finalidade. Jesus estava aí, juntamente com outras pessoas, observando. Sem vergonha, sem esconder-se. A oferta era pública...

Interessante observar que a narração tanto em Marcos quanto em Lucas não menciona a finalidade das ofertas nem das pessoas ricas nem da viúva pobre. Disso pode-se deduzir o seguinte: as ofertas devem estar sendo depositadas numa das seis últimas urnas, nas quais eram depositadas ofertas voluntárias, não pré-fixadas em seu valor. Com essas ofertas comprava-se animais para sacrifício. Pensava-se que as ofertas voluntárias fossem oferecidas exclusivamente para Deus e, por isso, esse sacrifício também seria quase que totalmente para Deus: "A carne para Deus e a pele para os sacerdotes", diz o texto do Talmud.[9]

Normalmente a narrativa da "oferta da viúva pobre" é interpretada em duas direções: a) As ofertas mencionadas seriam utilizadas para o trabalho e o cuidado com as pessoas pobres (diaconia). Nesse caso, a viúva pobre seria solidária com gente que está na sua própria situação, ou pior. O moto seria: também os pobres, por menor que seja sua ajuda, podem ajudar financeiramente. No entanto, essa interpretação está incorreta, na medida em que, no templo, havia urnas específicas para as esmolas e ofer-

9. Maiores detalhes, veja STRACK/BILLERBECK. *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, 9ª ed., vol. 2, Munique, 1989, p. 37-45.

tas destinadas aos pobres. Não é ali que a viúva pobre deposita suas duas moedas. b) Outra interpretação mais eclesiástica usa esse texto para argumentar a participação de pessoas ricas e pobres no sistema de arrecadação de fundos para a manutenção da igreja, seja através do sistema dizimista ou voluntário. O moto seria: Deus (isto é: a igreja) se alegra com grandes e pequenas ofertas, importante é que sejam dadas de coração, com desprendimento. Essa interpretação é forçada, visto que a problemática do texto não é a instituição igreja nem seus sistemas de arrecadação de dinheiro.

Somente poderemos entender melhor esse texto numa *perspectiva religiosa*, perguntando pelo significado da oferta e da prática do sacrifício para quem o realiza. Pelos costumes e textos judaicos, relatados acima, não se pode entender a prática da viúva pobre como desprendimento de si mesma ou como dar esmola para outros pobres. Não! Ela age em seu próprio favor na medida em que age em benefício somente de Deus! Ela coloca a "sua própria sobrevivência" como oferta destinada para a compra de animais para serem oferecidos em sacrifício a Deus. Tudo o que tem, oferece a Deus. E, com isso, afasta-se do poder sacrificial do mercado. Ela esbanja todo o seu dinheiro, dedicando-o a Deus. Mas por quê? No que consiste a diferença de sacrifício?

> *Cansado pelos anos de caça e pela idade, Ciniro ofereceu para as ninfas, agradecido, esta rede de caça que tanto trabalhou. Pois as suas mãos trêmulas já não podem mais balançar fortemente em círculos as malhas para arremessá-las sobre as presas. Mesmo que ela seja pequena, a sua oferta, não deixem de aceitá-la, ó ninfas! Pois nela é que Ciniro encontrou todo o motivo de sua* existência.[10]

O termo grego aqui utilizado para "existência" é o mesmo que aparece na narrativa bíblica da viúva pobre: "ela depositou toda a sua existência" (Mc 12,44 – *bíos*). São muitas as histórias daqueles tempos em que pessoas idosas, enviuvadas e empobrecidas oferecem "tudo o que têm", seu meio de sobrevivência (seja dinheiro ou meio de produção), para a sua divindade, e dela esperam ajuda para continuar vivendo. O significado religioso de tais ofertas consiste exatamente nisso: pessoas idosas e empobrecidas colocam seu meio de sobrevivência aos cuidados da divindade e isso as enche com a esperança de poderem contar com a ajuda da divindade para a sobrevivência nos dias maus que virão. Assim, essas formas de ofertas religiosas, em diferentes formas de sacrifício, demonstram uma relação poderosa entre a divindade e as pessoas que fazem a oferta de sacrifício.

O texto bíblico deve ser entendido a partir da situação de necessidade e da ação da viúva. Ela entrega a sua existência, aqui simbolizada pelo resto de dinheiro que necessita para a sobrevivência do dia, para participar de um sacrifício dedicado a Deus. Esse seu gesto expressa total confiança em Deus, do qual espera proteção. Expressa também que ela não quer mais ser escrava de sua pobreza que a força a reduzir a sua vida a duas moedinhas numa mísera situação de sobrevivência. Essa ação confiante em Deus demonstra, por outro lado, que ela não mais quer confiar no poder que o dinheiro exerce sobre as pessoas, determinando a sua vida, seja para sobrevivência ou para acúmulo. Ela desiste do poder que o mercado da exclusão exerce sobre ela, forçando-a a viver precariamente às custas de algumas moedinhas. E, por isso,

10. Antologia Grega VI, 25.

ela esbanja o seu dinheiro! Esbanjar aqui significa libertar-se das amarras e das determinações do dinheiro.

A crítica racional reage e diz: mas com isso ela deveria ao menos ter comprado sua porção de comida para aquele dia. Vai entender os pobres! Onde é que já se viu depositar tudo o que se tem para oferecer um sacrifício a Deus? E Deus precisa desse sacrifício?

A lógica da viúva e de muitas outras pessoas idosas e empobrecidas – não só de sua época – transgride a lógica "normal" da mercadologia. Ela desiste de agarrar-se ao que tem para sobreviver. Desiste do cúmulo do acúmulo e da miséria! Diz um basta a esse sistema de gestação de dia-de-miséria após dia-de-miséria. Ela confia em Deus. Ela se segura em Deus que ouve e atende o clamor das viúvas, defendendo o seu direito (Dt 10,17-18; Ex 22,22; Sl 68,5; Lc 18,1-8).

Jesus entendeu a transgressão da viúva diante do mercado da manutenção da pobreza do dia-após-dia. Diante dos discípulos, ele profere sua sentença profética: "Em verdade vos digo...!" Jesus não critica a prática do sacrifício no templo. Ele concentra sua atenção para honrar a ação da mulher como uma ação que aos olhos de Deus é libertadora. A ação da mulher é paradigmática para outras pessoas que compartilham de sua pobreza: elas têm algo a esperar de Deus!

A palavra de Jesus que honra a grandiosa oferta da viúva pobre para o sacrifício no templo dirige-se a seus discípulos e discípulas. O movimento de Jesus procurou concretizar a esperança das pessoas empobrecidas através de curas e de milagres de partilha. Quem oferta algo para fazer um sacrifício a Deus não espera ajuda para o além, mas já para a vida agora. Quem segue a Jesus deve tornar-se uma mão de Deus que, já agora, partilha o pão com as pessoas necessitadas.

5.2. O desperdício como boa ação para Jesus (Mc 14,3-9)

A narrativa da mulher que ungiu Jesus também é marcada pela tônica do esbanjar, representado por um produto precioso: perfumado óleo de nardo. Essa história é narrada nos quatro evangelhos (Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Lc 7,36-50; Jo 12,1-8). Uma rápida comparação sinótica – considerando paralelamente também o texto de João – destaca alguns elementos importantes que podem remeter ao contexto e sentido histórico e eclesial da narrativa:

- A mulher é descrita como anônima em Mc e Mt; em Lc ela é uma pecadora na cidade; em João trata-se de Maria.
- A unção é feita com precioso perfumado óleo de nardo: em Mc e Mt temos uma unção de cabeça/corpo que está vinculada à história da Paixão de Cristo; em Lc e Jo trata-se de uma unção de pés.
- A reação à prática da mulher por parte de pessoas que estão junto a Jesus é hostil; Jesus, porém, a acolhe e honra.
- A narrativa vincula a unção de Jesus com alguma problemática com dinheiro.

É difícil saber se as quatro narrativas falam do mesmo evento. Em todo o caso, trata-se sempre de uma protagonista mulher que unge Jesus. Essa unção é uma antecipação ao ato de embalsamar Jesus para a sepultura.[11] É história de unção, história de mulher, história que envolve dinheiro e reflete a lógica do mercado da época. A mulher transgride essa lógica, na medida em que não vende o produto, mas o esbanja para ungir Jesus, para praticar nele uma boa ação. Todas as narrativas são história de mulher que refletem alguma dificuldade que homens tinham com atuações públicas e independentes de mulheres. Conforme Mc e Mt, essa boa ação é posteriormente aprovada por Jesus, através da fala solene profética "em verdade vos digo"; com isso, ele compromete o grupo de discípulos e discípulas a manterem vinculados o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo com a memória dessa mulher.

O relato do evangelho de Marcos descreve a seguinte situação, que eu procuro narrar na perspectiva da própria mulher anônima:

> *Encontrava-me na pequena aldeia de Betânia, nas proximidades de Jerusalém. Ali eu passei a conhecer Jesus de Nazaré muito melhor. De dia ele ia a Jerusalém e de noite pernoitava em Betânia. Assim como seus discípulos e discípulas que vieram com ele desde a Galiléia, também eu passei a acompanhá-lo nas suas idas a Jerusalém. Ali ele passava dias marcados por conflitos, e corria perigo de vida por causa de suas afirmações e ações: elas ofendiam a moral e os costumes da elite religiosa do nosso povo. A gente podia perceber que sua atuação seria punida. E a pior punição era a pena de morte romana, ainda mais quando solicitada por nossa elite religiosa... Nas falas e ações de Jesus, eu, no entanto, reconhecia cada vez mais que ele era nosso Messias esperado. Aliás, nossa irmã Marta já havia me falado a respeito disso, e ela cria firmemente em Jesus como Messias! O irmão Pedro também já havia confessado isso. Também eu passei a crer nisso, na medida em que reconhecia a ação salvífica de Jesus por onde ele passava: pessoas cegas recuperavam a visão, paralíticas passavam a caminhar, empobrecidas eram dignificadas na vivência da acolhida e da solidariedade. O Reino de Deus se fazia presente, irrompeu com Jesus de Nazaré!*
>
> *Em Betânia, eu trabalhava junto com outras mulheres e algumas crianças na produção de óleos e cremes perfumados. Usávamos principalmente folhas, flores e raízes de uma planta especial, chamada* nardo. *Esse tipo de planta foi trazido por mercadores do Oriente, e passamos a cultivá-las, porque seu perfume e seu valor medicinal eram muito bons.*[12] *Essa produção garantia nosso sustento e com ela até melhoramos o nível de vida.*
>
> *Todos do nosso grupo em torno de Jesus – e ele mesmo – sabíamos que a elite religiosa do nosso povo estava querendo sua prisão e morte. Era o que eles diziam. Não suportavam a atuação de Jesus, e a idéia de que Deus nele se encarnou lhes era insuportável, uma blasfêmia... Eu previa o pior. E começamos a*

11. A unção também era utilizada como entronização de reis. Assim, essa história também pode ser lida como a unção do Messias. Conforme os evangelhos, no entanto, Jesus já havia sido professado como Messias (Mt 16,13-20; Mc 8,27-30; Lc 9,18-22; Jo 11,27), e, de acordo com o relato de Mc e Mt, a unção tem lugar dentro da história da Paixão de Cristo e o próprio contexto a interpreta como unção antecipatória para o sepultamento. Mais detalhes, veja abaixo.

12. Valiosas informações sobre o nardo em PLÍNIO. *História Natural* 12 e 13. Seu nome, na homeopatia, também é conhecido como Valeriana.

> *ter medo, pois afinal se Jesus, nosso líder e Senhor, corria perigo de vida, nós também corríamos.*
>
> *Foi assim que, dois dias antes da Páscoa, quando estávamos de volta a Betânia e Jesus estava hospedado na casa do leproso Simão, um fariseu muito piedoso, eu segui uma profunda intuição, um chamado de Deus para fazer a única coisa que naquele momento estava ao meu alcance. Iria ofertar meu precioso produto de óleo perfumado para ungir meu Salvador para a sepultura. Já sabíamos que ele era o Messias. E agora estávamos intuindo que ele sofreria a morte como mártir*[13].
>
> *Foi assim que assumi a atitude profética de simbolicamente pré-anunciar a morte de Jesus e de ungi-lo antecipadamente para a sepultura. Esta seria minha oferta de amor.*
>
> *E assim aconteceu. Entrei na casa de Simão – não tínhamos medo de nos contagiar com sua doença e não o marginalizávamos por sua situação de impureza – e encontrei Jesus junto com outros discípulos e discípulas bem na hora da refeição. Como era costume, conversavam sobre textos da Torá e sobre os últimos acontecimentos em Jerusalém. Aproximei-me com meu vaso de alabastro e nos saudamos com carinho. Quebrei o gargalo do vaso para dele poder extrair o precioso e puro perfume de nardo para embalsamar o corpo de Jesus. Vagarosamente derramei o óleo sobre sua cabeça e, sob sua túnica, ele escorreu pelos seus ombros, braços, tórax, abdômen, órgãos sexuais e pernas... Estava ungido, o nosso Messias-mártir. Senti que Jesus entendeu e aceitou meu gesto profético simbólico. Alguns dos que ali estavam, no entanto, ficaram indignados e irritados com o meu gesto, pois concentraram sua atenção somente no valor monetário do óleo perfumado e não no valor do gesto simbólico. Mais uma vez não entenderam a profundidade do que estava acontecendo. Acusaram-me diretamente de desperdício e, com isso, indiretamente também acusavam Jesus por estar aceitando o mesmo. Esperavam que ele me repreendesse. E justificaram a acusação, alegando que os pobres necessitam de ajuda, de boas ações, visto que se o óleo fosse vendido ele renderia uns 300 denários. De fato, isso é muito dinheiro, dá para viver durante um ano. Mas fui eu que trabalhei muito para produzi-lo e eu decidi como usá-lo. E no momento era a melhor maneira de bem investi-lo e a única coisa significativa que eu podia fazer!*
>
> *No recinto houve um momento de mal-estar. Jesus estava profundamente compenetrado na minha boa ação para com ele, e entendeu seu significado. Era ele, nesse momento, que necessitava de boa ação, de gestos de solidariedade. Esbanjar com ele me deixou feliz. Esbanjar com ele significava colocá-lo no centro da minha vida. Desperdiçar com ele significava colocar em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua justiça.*
>
> *Jesus teve de sair do seu profundo "transe" por causa das murmurações que alguns discípulos faziam contra mim. A primeira coisa que fez foi defender-me,*

13. Era costume ungir para a sepultura (adiantando o ato de embalsamar) pessoas judias e cristãs que estavam sendo perseguidas, ameaçadas ou enfrentando a pena de morte romana. Isso faz parte da história de mártires. Quando, por exemplo, a apóstola Tecla estava na arena para ser devorada pelos animais, mulheres da platéia, em solidariedade e compaixão, lançaram galhos e flores de nardo e outras plantas aromáticas sobre Tecla, num claro gesto simbólico de unção para a morte de uma mártir. Veja *Atos de Paulo e Tecla*, em parte narrados em Ivoni Richter REIMER. *O Belo, as Feras e o Novo Tempo*, CEBI/Vozes 2000, p. 61-78.

repreendendo-os. Ainda hoje ressoa em meus ouvidos a sua fala poderosa: 'Deixai-a! Por que a molestais? Ela realizou uma boa obra em mim!" E continuou dizendo que os pobres sempre estariam conosco e poderiam ser ajudados em outras ocasiões. Mas ele, Jesus, nem sempre estaria assim em nosso meio. E então Jesus passou a interpretar a minha boa ação para com ele: "Ela fez o que tinha a fazer: antecipou-se para ungir o meu corpo *para a sepultura".*

Nessa altura, o grupo que estava presente começou a entender a situação. Lembrou-se das palavras que Jesus já havia dito, anunciando sua paixão e morte. Em meio à tristeza que se ia anunciando, surpreendemo-nos com o que Jesus afirmou festiva e profeticamente, colocando-me, junto com Ele, no centro da Boa-Nova: "Em verdade vos digo: Onde for anunciado o Evangelho em todo o mundo, também será contado o que esta mulher fez, para memória dela!"

A surpresa, a saudade e a emoção, misturadas com a tristeza, nos envolviam. Compreendíamos que, nesse momento, Jesus estava comprometendo seu grupo de discípulos e discípulas não só a pregarem o Evangelho, mas também a manterem viva a minha memória, por causa da boa ação que pratiquei para com ele. A unção para a sepultura faz parte da Boa-Nova. Nos olhos de alguns transparecia compreensão e aceitação. Outros, porém, mostravam-se enciumados e preteridos... Mas conseguimos nos abraçar e, como de costume, oramos em conjunto, antes de nos despedirmos naquela noite com uma estranha sensação de que tudo já estava preparado...

6. Para continuar refletindo

As vivências cotidianas e especiais de mulheres dentro do contexto em que vivem perpassam os textos do Novo Testamento. Elas são transgressoras, porque questionam e boicotam a lógica do sistema, colocando novos paradigmas: partilha e comunhão ao invés do acúmulo. Teologicamente, elas nos colocam o eixo temático da confiança total em Deus. Dessa confiança provêm as suas ofertas de amor, que se expressam tanto em relação a Deus quanto em relação às pessoas. Na lógica do mercado, tais mulheres são "más". Na lógica do Reino de Deus, elas são mulheres que confiam em Deus e o testemunham como *Vida* de suas vidas.

Essas experiências exemplificam a palavra de Jesus sobre a total confiança em Deus que substitui a ansiedade, que liberta da necessidade de prender o coração em "tesouros do mercado" e que vai construindo modelos alternativos de vida digna: "Não andeis ansiosas e ansiosos... observai os lírios... buscai o Reino de Deus e a Sua justiça e as coisas das quais necessitam vos serão acrescentadas... onde está o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração" (Lc 12,22-34).

Ivoni Richter Reimer
Rua 20, n. 81, apto. 2103 – Centro
74020-170 Goiânia, GO
Tel.: (062)212-1319